

APRESENTAÇÃO

*Lélia Parreira Duarte**

O mito foi tradicionalmente uma fonte de riquezas para a Literatura Portuguesa. Povoando o imaginário lusitano, os mitos – do amor, do heroísmo, das viagens, dos descobrimentos e da colonização, com suas promessas de felicidade – alicerçaram a cultura portuguesa, a sua língua e os seus valores, através dos textos literários. Principalmente desde o Romantismo, porém, através dos artifícios da ironia romântica, essa literatura tem procurado desvelar o caráter de representação construída dos mitos com que elabora o desejo, mostrando terem eles a função de camuflar o fantasma da morte, único sentido/significado/futuro definitivo para seres que sonham com o infinito mas são marcados pela carência e pela finitude. A Literatura Portuguesa tem assim elaborado, cada vez com mais empenho, os seus mitos fundadores, exibindo ao mesmo tempo o elemento imaginário que os sustenta e o artístico trabalho de linguagem com que se constituem os seus textos.

Depois da guerra colonial e da Revolução dos Cravos, parece ter a Literatura Portuguesa exacerbado ainda mais esse trabalho de esvaziamento da mitificação das significações imaginárias, e é interessante observar que o conto português contemporâneo tem usado o que poderia ser visto como paródia ou pastiche das pregações salazaristas, como se retomasse jargões que marcaram o ditador em seus discursos radiofônicos: “Só existe o que se sabe que existe”, “a aparência vale pela realidade”, “o que parece é”. Se essas frases de Salazar buscavam monologicamente encenar certezas ideológicas na família, nas escolas, nas aldeias, nas oficinas, nas ruas, no lazer e no quotidiano, os

* Diretora do Cespuc e Editora da revista **Scripta**, professora do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas.

contos que aqui se estudam esmeram-se na divergência de vozes intra e extradiegéticas e valorizam a trama textual, para mostrar ironicamente que o sentido só pode ser instável e provisório e que qualquer tentativa de fixar as significações imaginárias estará servindo a estruturas de poder.

Os trabalhos que aqui se apresentam resultam de cursos em que se procurou estudar a ironia e o humor com que se descontroem significados e saberes fixados, em textos que recuperam a ambigüidade de significações imaginárias utilizadas pragmaticamente pelo poder, escolhidos dentre alguns dos mais significativos escritores portugueses contemporâneos: Teolinda Gersão, Inês Pedrosa, Maria Isabel Barreno, Lídia Jorge, António Vieira, Helena Marques, Mafalda Ivo Cruz, Luísa Costa Gomes, Alice Vieira e Afonso Praça.

Agradecemos à Profa. Astrid Masetti Lobo Costa e à secretária do Cespuc – Rosária Helena Andrade –, cuja colaboração tornou possível esta publicação.